

O que era a estrela do Oriente que conduziu os magos

Os dois capítulos iniciais dos Evangelhos de São Mateus e São Lucas narram algumas cenas da infância de Jesus, pelo que se denominam «evangelhos da infância». A estrela aparece no «evangelho da infância» de São Mateus (Mt 2, 1-12).

Uns Magos perguntaram em Jerusalém: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt 2,2).

⁷ Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. ⁸E, enviando-os a Belém, disse: “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo”. ⁹Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. ¹⁰ A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. ¹¹Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. ¹²Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho. (Mt 2, 7-12)

O episódio dos magos foi composto pelo evangelista Mateus tendo como base alguns elementos históricos. Naquele tempo era cultivada a astrologia para adivinhar o futuro. Havia a firme convicção de cada criança nascia numa determinada conjuntura astral, por isso, cada ser humano tinha a sua própria estrela. Além disso, a aparição de uma nova estrela fazia pensar a um novo acontecimento determinante para a mudança da história humana. A regularidade dos movimentos estelares garantia a normalidade da vida do mundo. Um acontecimento importante devia ser assinalado ou anunciado, de qualquer forma, pelo decurso estelar. Ora, o nascimento de Jesus, sendo o acontecimento mais importante da história humana, devia ser anunciado pelo mundo astral. O relato dos magos supõe esta mentalidade. De facto, no ano 7 antes de vinda de Cristo, aconteceu a junção de Júpiter com Saturno na constelação dos Peixes. Júpiter era considerado o astro do soberano do universo e Saturno o astro da Síria e dos judeus. É lógico que, pela junção de Júpiter com Saturno, se pensasse no nascimento do soberano do fim dos tempos na Judeia. Contudo, este facto não coincide com a data do nascimento de Jesus.

O evangelista Mateus aproveitou a crença popular de que o nascimento de uma pessoa importante fosse anunciado pelo aparecimento de uma estrela. Era uma crença comum do mundo pagão (cf. Suetónio, Vida dos Césares, Augusto, 94; Cícero, Sobre a Adivinhação, 1,23,47; etc.) e o mundo judeu (Flávio Josefo, A Guerra dos Judeus, 5,310-312; 6,289).

Mas é mais provável que Mateus, sendo o evangelista do cumprimento das escrituras, tenha feito referência ao Antigo Testamento, no livro dos Números (caps. 22-24) onde se fala do oráculo do profeta Balam, que diz: «*Uma estrela surge de Jacob, e um cetro se ergue de Israel*» (Nm 24,17). Esta passagem era interpretada como um anúncio do futuro Messias salvador.

O evangelista menciona estes três misteriosos personagens como sendo magos. Uma palavra de origem persiana que indica os líderes religiosos, mas que, na língua grega indica os espertos nas artes mágicas. No texto evangélico diz-se que eram magos, astrólogos. Não se diz que eram reis. Esta foi uma interpretação tardia, ditada por alguns textos bíblicos que que falam de reis que honrariam Yahweh (Sal 72,10; Is 49,7; 60, 10). No século V estabeleceu-

se que eram três, baseando-se nos dons que ofereceram: ouro, incenso e mirra; e no século VIII receberam os nomes de Melkior, Gaspar e Baltasar. Portanto, os magos não eram homens sábios, nem reis, mas os que hoje chamamos de astrólogos.

No Evangelho de São Mateus, são três figuras simbólicas que representam os povos pagãos, isto é, os não judeus que não conheciam a revelação de Deus do Antigo Testamento. São Mateus afirma que, mesmo sendo pagãos, não se escandalizam com pobreza do Messias; enquanto, os doutores da Lei, especialistas nas Escrituras, que deveriam ser os primeiros destinatários da salvação, não o reconhecem. Assim, São Mateus apresenta uma convicção que percorre todo o seu Evangelho: Jesus é rejeitado pelo seu povo, mas é acolhido pelos gentios. Por outro lado, a oferta da salvação aos pagãos é Boa Nova: indica que Deus não faz acepção de pessoas, enviou o Seu Filho para a salvação de toda a humanidade. Caem, assim, todas as barreiras do particularismo judaico.

Os pagãos podem descobrir a revelação de Deus através do estudo e dos conhecimentos humanos (as estrelas); no entanto, só chegam à plenitude da verdade através das Escrituras de Israel: *«os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei responderam: Em Belém da Judeia; pois assim escreveu o profeta: Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és a menor entre as principais cidades de Judá; pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo»*. (Mt 2,4-6).

Cf. Juan Chapa, *50 perguntas sobre Jesus*, artigo 7, *O que era a estrela do Oriente*, ed. Paulinas 2008, pp. 25-30

Cf. Secretariado Nacional de Liturgia, *Missal Quotidiano, Dominical e Ferial*, Paulus 2010,
Cf. *Commento della Bibbia Liturgica*, I magi, Ed. Paoline 1986, pp. 859-861